



Seleção precisa de palavras

Píer, de Sérgio Alcides

Eduardo Coelho*

Os poemas iniciais de *Píer* (2012) revelam uma intensa e prazerosa relação com o dia a dia. Manifestam-se descobertas sensoriais ligadas principalmente ao contato com as coisas e a natureza, como se o poeta-observador aos poucos despertasse do silêncio. Ganha relevo “o mundo menos real / – mas real – da circunstância. // Sem poder deixar de ver / – através – a poesia”, conforme versos de “Está caindo”.

A criação é, portanto, um exercício cotidiano, atento e minucioso, de quem escapa das obviedades: “Como se fossem os dias / afiando a sua lâmina, / preparando meu espanto / que vai dar na poesia”, afirma o sujeito na última estrofe de “Mas”. Tudo parece à disposição da perspectiva poética, mas desde que haja, da parte do observador, um artesanato para desbastar a superfície das coisas e das situações. Um exercício que compreende dedicação, investigação e paciência, firmando-se, nesse sentido, até mesmo a vivência do desconhecido, como em “O bicho”: “Afago a pele do escuro / para tentar acalmá-lo. / E sinto a respiração, / junto com o visco aquecido / que acaricio no dorso / pulsante: o hálito preto, / sibilância que me inclui, / o alento de animal mau / que me dava tanto medo”.

* Professor adjunto de Literatura Brasileira (UFRJ).

Há também, contudo, a observação do que está em evidência, “sob o sol”, a ser registrado por meio de uma lente realista, embora o poeta não abandone o estabelecimento de constatações inusitadas, como nos primeiros versos de “Frescobol”: “É o jogo de uma bolinha / azul na beira do mar, / ignorante do cosmos, / molécula de borracha, / origem de toda vida, / imitadora da linha / do horizonte, embora móvel / diálogo entre raquetes”.

Aos poucos, o livro ganha tons mais críticos. O prazer “alienado” dos primeiros poemas vai sendo substituído por marcas típicas de um mal-estar contemporâneo. Nesse sentido, “Global” é um exemplo sintomático dessa alteração de rumo: “Ida ao coração da treva. / Acha-se o mesmo sanduíche, / aura flácida do *shopping*, / enjojo de intransitivos: / convir, consumir, sumir”. É notável a seleção precisa de palavras, que mostra uma rigorosa coerência semântica. Um vocábulo parece se refletir e/ou se desdobrar no outro, como demonstram “sanduíche”, “aura flácida”, “*shopping*”, “enjojo”, “convir”, “consumir” e “sumir”. Existe nesse poema um excesso, um esgotamento relacionado à repetição, à falta de mobilidade, de sabor e de saber do mundo capitalista. No meio do poema, os versos “Fique à vontade no horror, senhor. / Clique até salvar a azia customizada, senhor” apresentam uma leitura crítica profunda de um outro cotidiano, desvendando a insensibilidade, a indiferença, a impessoalidade e a automatização contemporâneas. No lugar daquele mundo “menos real” da circunstância, põe-se o registro de uma latente impossibilidade de vivência *real* do cotidiano em função de um falseado bem-estar.

Percepção semelhante pode ser identificada no poema seguinte, “Pasto”: “Esta paisagem é mais ou / menos um *locus amoenus*”. Nessa paisagem, em “vez de avena, tevê”, engendrando

uma repetição sonora que opõe dois mundos tão diametralmente opostos (o pastoril-árcade e o tecnológico-capitalista). Choques semânticos auxiliam na composição desses dois mundos em tensão, o que se percebe também em “bosta” e “*bodyshop*”. Evidenciam-se ao menos duas realidades históricas e duas realidades semânticas, estabelecendo ainda um diálogo muito curioso entre dois momentos da literatura brasileira, o colonial e o contemporâneo.

Um índice cotidiano da lírica ocidental, a musa, é igualmente submetido a tal fusão de realidades distintas: “Vai para o sono embrulhada / em seus quatrocentos fios / mais as dobras do edredom. / [...] / Demissionária da noite / e do desejo, ela veste / a máscara do blecaute, / vai dormir, está trancada”. Nesse poema, “Musa deitada”, o tema da mulher que inspira os artistas sofre uma atualização. É o que se constata tanto em seu comportamento quanto em expressões como “quatrocentos fios”, “edredom” e “blecaute”, incorporadas a partir de uma perspectiva contemporânea em torno do consumo, procedimento recorrente em muitos poemas de *Pier*.

Há situações em que a fusão de dois mundos provoca humor, como em “Talvez meu”. O poema apresenta um tom inicialmente grave, com referência a Cronos, mas logo adiante, na mesma estrofe, há referência ao “fio dental”: “Cronos, Cronos me devora. / Leva embora um fragmento / talvez meu preso no trópico / branco do seu fio dental”. O mesmo tom grave pode ser encontrado na última estrofe, com referências a elementos deslocados de outros contextos: “Minha ânsia, minha crocância. / Solto o gosto de aço da hora. / Me acompanha uma salada / enrugada de esperança”. Talvez, mais do que humor, tal fusão de dois mundos dê origem a uma combinação grotesca, bem à moda drummondiana, que foi analisada excepcionalmente por José Guilherme Merquior em *Verso universo em Drummond*.

Em um terceiro momento de *Píer*, os poemas estão estruturados por estrofes de verso único. Despontam versos como plataformas suspensas, como se reproduzissem visualmente a própria forma de um *píer*, agora posto sob o foco do poeta. Mostram-se então outros ritmos, com métrica geralmente mais longa e quebras de versos-estrofes que fraturam a sintaxe. Consolida-se ainda mais a poética de Sérgio Alcides, que parece tomar do *píer* seu *status* de observador, mas também um traço de imperfeição, de incompletude: “O *píer* observa sem parar. Gesto em gelo, / rota interrompida, hermética abertura / entre o terreno seco e o elemento / úmido, ícaro, mergulho imperfeito, / istmo, tácito, exclamação sem ponto / para não ser audível, para não dar / seu testemunho da revolução / dos corpos celestes, dos corpos / celestiais, asa debaixo do céu / por onde não voa, azar de tábuas / em cima das águas por onde zarpar / não podem, traço no meio da vaga, / desarvorada estrutura de hipótese / e refutação, que a flauta escuta / do marulhar, que a maré ávida / convida e molha, quebrando, vindo, invadindo-lhe a sombra móvel, depois se despede, no gole da lua / vã”.

Terceiro volume de poemas publicado pelo também ensaísta, tradutor e professor Sérgio Alcides, *Píer* é mais um livro que contesta a frequente acusação de falta de senso crítico na poesia brasileira contemporânea. Em seus versos, são comuns o diálogo tanto com o contemporâneo, de matiz mais crítico, quanto com a tradição da lírica brasileira, submetida a uma atualização que adquire muitos efeitos surpreendentes.